

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho¹

O livro é um apanhado bem organizado pela Universidade Metodista de São Paulo, dos estudos referentes à folkcomunicação, termo cunhado pelo autor Luiz Beltrão em sua tese de doutorado em 1967 e consecutivamente utilizado em seus livros *Comunicação e Folclore* (1971) e *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (1980), livros esgotados das estantes brasileiras. Luiz Beltrão foi jornalista e precursor da pesquisa em comunicação social no Brasil, sendo o fundador do primeiro centro de pesquisas em comunicação, o ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) na Universidade Católica de Pernambuco, assim como a primeira revista científica voltada a temas comunicacionais, *Comunicações & Problemas*, também em Recife no ano de 1965.

Jornalista, Beltrão conviveu com pessoas das mais diversas classes sociais e adquiriu uma percepção que ia um passo além das concepções comunicacionais da época. Ultrapassando o paradigma clássico de Paul Lazarsfeld sobre as duas etapas da transmissão da mensagem massiva - onde se reconhece a presença dos líderes de opinião que intermedeiam e decodificam a mensagem transmitida pelos meios massivos de comunicação -, Beltrão reconheceu imediatamente uma complexidade maior a essa perspectiva plana que desconsiderava culturas e linguagens características da diversa população marginalizada, abrangida posteriormente por sua teoria folkcomunicacional - assim como os diversos meios massivos “primários” que não foram substituídos e continuam, embora ignorados pela elite, muito presentes no ambiente de vivência dessa população, funcionando como intermediários que decodificam a mensagem da “grande mídia”, retransmitindo-a de forma horizontal aos seus iguais.

De imediato Beltrão adota em sua pesquisa uma relação intrínseca com os estudos folcloristas, percebendo no folclore uma semiótica profunda e embasando sua análise principalmente no teórico Roland Barthes - indo além do “estético, exótico e

¹ Mestrando em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)/BA. Graduado em Comunicação Social, UESC/BA. Pesquisador do grupo ICER (Identidade Cultural e Expressões Regionais) do Departamento de Letras e Artes, UESC/BA. E-mail: sauldesign@gmail.com

divertido” que a elite observa nessas manifestações (visão que, para o autor, minimiza a percepção da força dessas expressões), para percebê-las como um ato comunicacional em si, como um meio transmissor de discursos e idéias para o povo e pelo povo que vive à margem, discursos percebidos em processos como as festas populares, a literatura de cordel, os ex-votos, os comunicadores da feira popular e outros onde possa ser reconhecido algum ato de transmissão de informação, sejam notícias do momento (agindo de forma peculiarmente jornalística), seja com informações atemporais que agem de forma educadora dentro da comunidade.

O livro dividido em duas partes bem claras, logo após a introdução de José Marques de Melo: *Teoria da Folkcomunicação* e *Metodologia da Folkcomunicação*; Na primeira parte, temos quatro textos que se intercalam e se complementam na formulação de uma idéia geral, por vezes havendo redundância de parágrafos entre um e outro texto, o que comprova seu apanhado de diversas fontes. No entanto, eles são planejados estrategicamente para uma leitura linear e compreensão geral do termo. Nesses textos Beltrão aborda autores de estudos históricos sobre o Brasil, para perceber o momento crucial do surgimento da mídia massiva no país (no caso, com a publicação do primeiro jornal impresso em larga escala e ampla distribuição), como um ponto a partir do qual se distanciam os segmentos que passam a ser “marginalizados” porque “esquecidos” por essas grandes mídias nesse primeiro momento e daí em diante; segmentos da população que passam, assim, a contar com seus próprios métodos de transmissão de informação para sobreviver na sociedade, onde uma figura mediadora importante passa a ser o líder de opinião - tratado aqui como uma pessoa que consegue transitar entre um e outro ambiente, compreendendo e tendo acesso às mídias que outros de seu grupo social não têm acesso ou não compreendem, para então “traduzir” e transmitir as mensagens em uma linguagem popular característica. Da mesma forma, “meios” menores como os comunicadores populares que agem através de alto-falantes ou na base do grito pelo bairro, espalhando notícias e realizando um serviço de interesse comunitário; “rádios” comunitárias improvisadas de transmissão circunscrita a um local, etc., passam a contribuir e subsistem até os dias de hoje.

Os estudos sobre a transmissão de mensagens massivas em duas etapas (Paul Lazarsfeld), portanto, são analisados com grande atenção nesta parte do livro por Beltrão, assim como ao estudo da linguagem, da semiótica e sua relação com o folclore.

Na segunda parte do livro, composta de cinco textos e uma entrevista, observa-se a teoria sendo aplicada na análise de diversos “meios” populares, como o clássico

texto sobre *O ex-voto como veículo jornalístico*, apanhado da primeira edição da revista *Comunicações & Problemas*; *O Almanaque de Cordel: Veículo de Informação e Educação do Povo*, e os *Videntes & Volantes*, assim como uma manifestação popular conhecida como *As Piedosas Recordações*. O primeiro texto aqui, ainda, é uma análise sobre *A Pesquisa da Folkcomunicação*, onde o autor analisa sua evolução, o que ela alcançou e o que poderia alcançar, onde, assim como em sua entrevista – que na maior parte é voltada para o jornalismo e para a trajetória de vida de Beltrão - encerra refletindo sobre a problemática de não ter conseguido, apesar dos esforços, desenvolver uma metodologia mais apurada (o que culpa em parte à falta de tempo, visto que na época não se conseguia financiamento para projetos e se fazia o que se podia no tempo que havia de ser), e a necessidade de que esse aspecto da pesquisa folkcomunicacional se desenvolva através de sua prática, visto que, em comparação às pesquisas em comunicação, a pesquisa sobre folkcomunicação ainda engatinha dentro de uma área (comunicação social) que, diante de outras áreas das ciências humanas, engatinha em termos teóricos e de produção intelectual pungente. Por fim, defende que apesar da semelhança, sua teoria não é classista – visto que os “marginalizados” a que se refere estão por vezes inseridos dentro das mais diversas classes e situações financeiras, e muitas vezes são marginalizados por vontade própria, ao simplesmente não aceitar certos aspectos como os aspectos moralizantes, no caso dos “comunicadores pornográfico-eróticos de porta de banheiro”.

A edição sofre de algumas falhas de revisão – no entanto, sua leitura é gratificante pelo valor próprio do conteúdo de difícil acesso e de importância crucial para a ciência da comunicação e cultura no país, assim como pela seleção e organização bem planejada que cria uma seqüência lógica e de leitura leve dos textos.